

Por Valdênio Freitas

O morcego (II)

*A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!
- Augusto dos Anjos*

O sono dos assassinos é um descanso intrigante. Como alguém consegue dormir depois de matar alguém? Pra invocar esse tipo de sono não deve haver frivolidades tais quais contar carneirinhos. Aqui, os pobres animaizinhos são sacrificados em abatedouros imaginários, pelas retiradas, sangue e miolos.

CRIME E COCHILO

As horas de sono desapareceram na vida de Rodion. Trabalhava no setor administrativo de uma empresa que fabricava lindos colchões e travesseiros, mas o cansaço que a falta de sono proporcionava desaguava nas reclamações diárias do seu Chefe Meio Careca quanto à falta de concentração, erros nas tabelas de gastos e a aparência desgastada pelas olheiras. Já no fim do expediente houve uma reunião para definir as novas estratégias de marketing junto a uma palestra motivacional para os funcionários, seguida de um plano de propaganda que destacasse que o “o travesseiro é o melhor companheiro para se pensar na vida antes de dormir”.

Indo pra casa, Rodion pensava em como iria dormir. Lembrava que metade da sua família - sob influência de sua mãe- tomava barbitúricos como se fossem jujubas. Sempre quando ligava para o filho que estava morando há pouco tempo sozinho, a mãe passava horas no telefone listando remédios e seus nomes esquisitos. Essa obsessão materna por pílulas para dormir atormentava a Rodion. Imaginava que a marcação negra na embalagem destes remédios não era por acaso: os comprimidos eram lutadores de artes marciais de faixa preta que derrubavam impiedosamente quem os enfrentava. Definitivamente, ele não era adepto de tomar remédios.

Pela manhã, Rodion vai à empresa com muita dor de cabeça e um cansaço que não sabia como saciar. Dessa forma, houve um festival de erros: entregou as tabelas do mês passado à contabilidade em vez das mais atualizadas; esqueceu de tirar cópia de um documento importante para enviar a um dos principais clientes; derramou café na mesa e esqueceu de falar o slogan da empresa quando atendeu o telefone. Como um caçador que vigia sua presa antes de atacar, o Chefe Meio Careca observava tudo aquilo até que, ao fim do expediente, Rodion foi chamado à sala da gerência.

Rodion odiava o chefe do seu departamento a ponto de pedir para que quando fossemos contar a sua história destacássemos a calvície que o superior da empresa tentava esconder. Era uma luta diária de tentar fazer um penteado que pudesse esconder a faixa branca que atravessava os cabelos. Um conjunto de finos fios negros colocados de lado mostrava uma cômica e inútil resistência capilar ao seu destino final.

Naquele dia, o Chefe Meio Careca encurralou Rodion: falou de metas na empresa a cumprir, que pagar funcionários era gasto. Em pouco tempo, conseguiu falar o par de palavras “custo-benefício” várias vezes! Finalizado os insultos de tipo empresarial, começaram a intromissão e ofensas pessoais. O Chefe Meio Careca reclamava que Rodion deveria esquecer sua ex-esposa pra viver normalmente sua vida, e que até “pagaria” alguma mulheres desde que usasse os colchões da empresa com elas. Soltou um riso tuberculoso e, em seguida, chamou os outros funcionários da empresa e fez um belíssimo discurso sobre “acolchoar as amizades”. E abraçou Rodion.

“O travesseiro é o melhor companheiro pra se pensar na vida antes de dormir”

Os funcionários repetiram em coro a frase. Além de notar mais uma vez o quanto ridículo era esse slogan, Rodion percebeu que aquilo era, na verdade, um aviso de quase demissão, um ultimato para que começasse a ter um bom rendimento na empresa.

Quando chegou a noite estava angustiado, pois não sabia como iria suportar mais horas de insônia. Quanto mais pensava na falta de dormir, dormir se tornava mais difícil. Assistiu os jornais noturnos da TV (que naquele dia estavam recheados de violência e assassinatos na cidade) e depois foi pra cama. Lá ora fechava os olhos, ora ficava olhando pra o teto do quarto e começava a ver, lentamente, as horas da madrugada passando.

Lembrou de algumas passagens de um livro de auto-ajuda que tinha comprado há pouco tempo. Na verdade, tinha comprado o exemplar, por achar que a leitura seria tão monótona que o sono viria fácil. Apesar de não conseguir dormir após ler o livro, Rodion recordou de alguns capítulos que falavam de insônia e mostravam depoimentos de pessoas que conseguiram curar a falta de sono: dentre vários clichês, a maior parte falavam de homens que dormiam após fechar os olhos e projetar sua mente numa praia deserta, ou mulheres que repousavam pensando em um campo de flores

Mesmo que parecesse ridículo tal método contra a insônia, Rodion decidiu tentar. Fechou os olhos e deixou a imaginação “à deriva” para criar enredos e invocar o sono. Tentou projetar sua mente em praias, florestas, mas se sentia bloqueado. Não conseguiu manter sequência imaginária suficiente pra dormir, pois sempre ecoavam as cobranças do chefe e obrigações da empresa. Pensou no que tinha de fazer no dia seguinte: corrigir os próprios erros nas tabelas, fiscalizar um carregamento de travesseiros, conferir os números dos fornecedores de penas de ganso. Imaginou entrando na empresa, ligando os computadores e começando a fazer os ser-

viços.

Contudo, lembrando de uma das principais notícias do telejornal da noite, Rodion começou a imaginar uma curiosa situação: caso portasse uma pequena faca nas mãos, ele entrava na sala do Chefe Meio Careca e educadamente abria a porta, e em seguida o atingia na cabeça exatamente no centro, apressando o serviço que a calvície já estava, gradativamente, fazendo. Talvez um único e firme golpe terminaria o serviço. Uma sensação inexplicável de paz e tranquilidade invadiu a consciência de Rodion, e ele rapidamente caiu em sono profundo nos macios travesseiros de ganso da empresa em que trabalhava:

“O travesseiro é o melhor companheiro pra se pensar na morte antes de dormir”

No outro dia, tudo ao redor de Rodion fluía suavemente. Uma noite de sono como há tempos não tinha! Sabendo como fazer dormir, bastava apenas treinar e melhorar este seu método sonífero e homicida.

E assim Rodion foi acumulando completas horas de sono e muitos assassinatos imaginários. Não satisfeito em matar apenas o Chefe Meio Careca, Rodion inventava situações de morte para outras pessoas que não gostava: imaginou a si mesmo empurrando alguns colegas de trabalho pela varanda do prédio da empresa; cortando a garganta daquela estagiária que há pouco tinha começado e já queria dar ordens na empresa; golpes de porrete na cabeça do subchefe que era quase tão intragável como o Meio Careca.

Nos dias em que não havia ninguém específico para matar, Rodion buscava aleatoriamente nas memórias do dia alguma informação aleatória para criar suas cenas. Não sobrava ninguém: o porteiro do prédio em que morava era espancado, uma faca no peito de um homem desconhecido que esbarrou na calçada chegando até mesmo a um envenenamento para as crianças do vizinho que ficavam com seus brinquedos barulhentos até tarde da noite. O agradável para Rodion em criar estas situações de morte era a posição de controle total que detinha: não eram sonhos, mas enredos imaginários e conscientes e sangrentos. Era uma realidade virtual em que Rodion era um assassino onipotente!

Um certo dia, já encerrando o expediente, Rodion recebeu uma ligação no celular de sua mãe. Há tempos que não falava com sua genitora. Aliás, desde que voltara a dormir regularmente sua ligação com ela havia diminuído bastante. Parecia que o assunto da insônia era o último cordão umbilical de Rodion à sua mãe, quando esta vinha com todas aquelas perguntas típicas dos cuidados maternos e principalmente a indicação de remédios para dormir. Como Rodion não era mais insone, sentia como se não tivesse mais nada a falar com sua mãe e, por isso, a conversa foi curta, disse que estava bem e que conseguiu voltar a dormir regularmente. Naquela noite, assistiu TV e depois foi para a cama. Como já era ritual, se deitou, respirou fundo e começou o processo imaginário de escolha de quem iria assassinar naquele dia para conseguir dormir. Seus pensamentos o levaram a uma sensação de horror e nojo de si mesmo, Rodion tinha imaginado matando sua própria mãe! Tentava escapar daquela cena buscando outras pessoas para matar, mas sua mente retornava ao seguinte quadro: na antiga casa em

que moravam quando o pai era vivo, sua mãe de costas na mesa cozinha separando os seus remédios para dormir e Rodion, com um pequeno punhal, cravava-o nos seus ombros e depois na garganta.

E dessa forma a insônia voltou! A criação dessa cena de matricídio atormentou Rodion durante todo o dia. Mas a preocupação mais vital era como iria dormir aquela noite, já que a pesada culpa pela ideia do assassinato da mãe tomava de assalto a onipotência que Rodion pensava ter do seu método sonífero e homicida.

Deitado na cama, Rodion tentava escapar daquela fotografia da senhora caída ao chão apunhalada pelo filho. Até que no desespero pensou que a única solução era criar situações de uma morte em que não havia imaginado ainda: a sua! Com a mesma engenhosidade que criava as mortes para os outros, Rodion imagina as possibilidades suicidas que iam desde se jogar na grande ponte da cidade ou do prédio da empresa; enforcamento ou um tiro na boca dentro da sala do Chefe Meio Careca. Ou até mesmo um bizarro afogamento em penas de ganso no armazém da fábrica de travesseiros! E assim ia recobrando aos poucos a sensação de sono. Mas não sem antes recorrer a um ou dois comprimidos daqueles que sua mãe havia lhe indicado.